

“Porque tive fome, e destes-me de comer; estive na prisão, e foste me ver”: um estudo sobre as ações sociais da Igreja Universal do Reino de Deus

Nome da orientanda: Mônica Pereira Ruiz RA 222624

Nome da orientadora: Professora Doutora: Luciana Ferreira Tatagiba

Nome do coorientador: Adriana Pismel

Nome do coorientador: Rodger Richer

Introdução

Esta pesquisa tem como principal tema o ativismo religioso evangélico, mais precisamente a “ação solidária” evangélica. Tomo como objeto de observação a atuação assistencialista do grupo Universal nos Presídios da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD). Meu objetivo é analisar de que forma esse grupo, por meio da ação coletiva, busca amenizar os impactos econômicos e sociais na vida das pessoas que utilizam o programa social. Além disso, busco compreender qual sujeito político essa articulação iurdiana gera para a sociedade.

A justificativa teórica para a realização desta pesquisa é a constatação de que a literatura sobre ativismo religioso pouco avançou em olhar para as bases evangélicas, focando o seu olhar apenas para as altas cúpulas que dirigem a igreja. Somado a isso, há uma motivação pessoal que me leva a refletir mais atentamente sobre o ativismo religioso. Como mulher evangélica e fiel da Igreja Universal do Reino de Deus entendo que alguns grupos da sociedade, em particular da esquerda brasileira, possuem uma leitura um tanto enviesada [ou ‘ainda pouco aprofundada’] da importância da igreja evangélica na atual conjuntura, especialmente para os mais pobres. Em que pese o fato das lideranças evangélicas, no seu envolvimento com a política, oferecerem seu apoio a projetos de fortalecimento do neoliberalismo e o conseqüente empobrecimento da população que eles dizem representar; no nível local, por intermédio de sua base, a IURD se encarrega de levar aos esquecidos pelo Estado os direitos mais básicos como alimentação, roupas, kit de higiene, bem como, promove o reconhecimento e acolhimento dessas pessoas. Essa tensão/diferenciação entre a cúpula e a base da igreja é o problema que busco desenvolver nessa pesquisa.

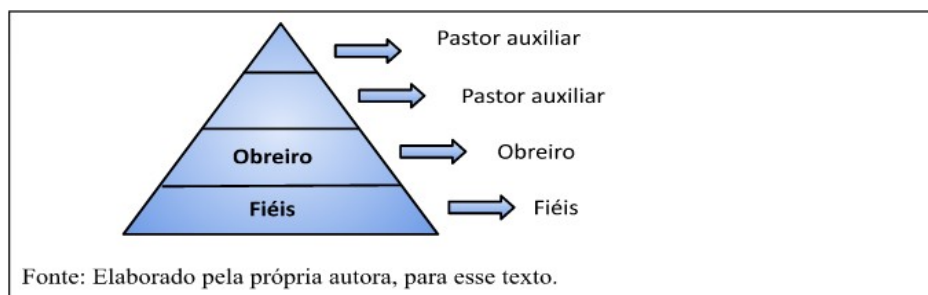
A IURD como pronto-socorro dos necessitados

Este item tem como objetivo resgatar os achados da minha primeira IC, que são a base para avançar no problema que desenvolvo na atual pesquisa. Nessa primeira pesquisa busquei compreender como era realizada a atuação “solidária” dos evangélicos durante a pandemia de Covid-19? Para isso, tomei como objeto de observação a atuação dos grupos de caráter assistencialista da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD). Para análise de caso foram estudados 3 grupos da IURD: Evangelização (EVG), Universal nos Presídios (UNP) e Força Jovem Universal (FJU). A metodologia utilizada na primeira pesquisa foram: revisões bibliográficas de dissertações sobre o tema estudado, levantamento do site da IURD e das mídias digitais dos grupos da região de Campinas. Além disso, foram realizadas 6 entrevistas¹ semi estruturadas com membros ativos dos grupos sociais da IURD.

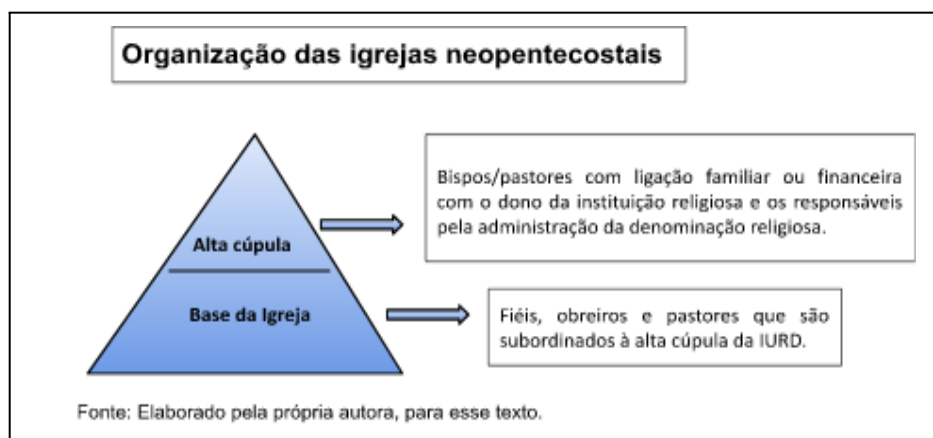
¹ Os entrevistados congregam em duas diferentes sedes da IURD, ambas localizadas no Centro de Campinas, embora parte deste grupo resida em bairros afastados ou periferias. Os entrevistados são compostos por duas mulheres, uma parda e a outra negra, e quatro homens, dois pardos, um negro e um branco. Todos os entrevistados têm o nível de escolaridade até o ensino médio, e possuem entre 30 a 67 anos.

Historicamente o protestantismo se instala no Brasil por meio de ações sociais tendo como atividades principais a educação formal e a construção de equipamentos voltados ao atendimento médico e hospitalar (Scheliga, 2011). Tais práticas assistencialistas eram formas de consolidação das igrejas protestantes no Brasil na virada do século XIX para XX (Scheliga, 2011). Todavia, essa forma de consolidação por meio do assistencialismo é adotada até hoje por diversas igrejas evangélicas, mesmo as que são provenientes de movimentos bem afastados do protestantismo histórico que chegou ao Brasil, a exemplo disso tem-se as igrejas neopentecostais.

A terceira onda do pentecostalismo, é denominada como neopentecostalismo sendo a principal expressão deste modelo teológico a Igreja Universal do Reino de Deus, (Matos, 2006). Nesta última onda, a modificação teológica está ancorada na mensagem de prosperidade financeira e na ideia de libertação (exorcismo) e cura divina. Todavia, esse movimento ainda preserva em seu cerne a ideia de “batismo com Espírito Santo”. Além disso, esse movimento apresenta “posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais, etc) quando comparadas com suas antecessoras do Pentecostalismo clássico e do Deuteropentecostalismo.” (Moraes, 2010, p.2). Segundo Bertani (2016), outra característica marcante do neopentecostalismo é a estrutura organizacional similar a uma empresa. É baseada nesta última característica que é desenvolvida nesta pesquisa a ideia de que a igreja neopentecostal tem uma estrutura similar a uma empresa industrial. A exemplo disso tem-se as sedes da IURD, para além do Templo de Salomão e Catedrais.



Essa pesquisa desenvolve a ideia de que as igrejas evangélicas neopentecostais estão organizadas da seguinte maneira: no topo, a alta cúpula da igreja, que é formada pelos bispos/pastores com ligação familiar ou financeira com o dono da instituição religiosa e os responsáveis pela administração da denominação religiosa. Já a base da igreja é composta por fiéis, obreiros e pastores que são subordinados à alta cúpula da IURD.



² Deuteropentecostalismo = segunda onda do pentecostalismo

De acordo com Willems (1967) e D'Epina (1970), o Pentecostalismo democratiza o acesso à hierarquia eclesial, pois o único pré-requisito solicitado é o batismo com o Espírito Santo e o desejo de evangelizar, não sendo assim uma exigência a formação acadêmica em teologia, o que possibilita inserção de novos pastores oriundos das camadas populares que, mesmo possuindo baixo nível de escolarização, podem ascender a cargos ministeriais (Mariano, 2008). Tal fato possibilita a grande produção de pastores pentecostais e neopentecostais, já que não elitiza o processo; diferente, por exemplo, do caso de candidatos a pastores que são protestantes históricos. A inserção de novos pastores oriundos de baixos estamentos sociais nas igrejas (neo)pentecostais também influencia na forma de pregar a palavra e na visão sobre as ações sociais realizadas pela igreja. Isto ocorre, porque estes ministros religiosos possuem a mesma origem social de seus os fiéis. Desta maneira, as vivências dos pastores do baixo escalão influenciam os seus olhares para com as ações solidárias.

A IURD é uma igreja neopentecostal, fundada em 1977 pelo Bispo Edir Macedo e o Missionário R.R. Soares. É uma das igrejas precursoras da ideia de “guerra espiritual” ou “guerra contra o diabo”. Esta guerra está diretamente relacionada com um tripé cosmológico: ênfase na guerra espiritual contra os males provocados pelo diabo; difusão da teoria da prosperidade; e abandono de parte dos costumes tradicionais e puritano (MARIANO, 2003). A teologia da prosperidade se baseia na ideia de se obter uma saúde plena, prosperidade material, sucesso nos empreendimentos terrenos, felicidade e vitória sobre o diabo e os males causados por estas potestades e principados (MARIANO, 2003, p.22).

A partir disto, a pobreza material passa ser relacionada com ausência de fé e a insubmissão às regras solicitadas pela divindade cristã. A guerra contra o diabo e seus representantes terrenos ganha enorme foco na teologia propagada pelos neopentecostais. Para este grupo religioso, o mal é simbolizado pelas “doenças, nos baixos salários, na briga entre cônjuges, no desentendimento entre pais e filhos, na separação amorosa, no alcoolismo, no vício, na solidão, na depressão, enfim, nos mais distintos problemas que afetam os seres humanos” (MARIANO, 2003, p.24). Assim nasce a necessidade de combatê-lo, por intermédio do exorcismo (processo de libertação) e conversão religiosa (MARIANO, 2003). De acordo com Mariano (2003), a guerra espiritual não envolve apenas Deus e Anjos versus diabo/principados e potestades, pois os seres humanos se tornam a casa tanto para o sagrado quanto para o profano, tendo espaço apenas para um. Sendo assim a IURD lança projetos sociais visando ajudar os mais empobrecidos, mas sobretudo propagar o evangelho baseado nos moldes neopentecostais, a fim de expandir essa fé e de combater “ações demoníacas”.

É diante deste cenário que as ações sociais se tornam fundamentais, pois elas são, para além de uma ajuda assistencial, uma maneira de evangelização para o combate das ações demoníacas. É esse o sentido dos projetos sociais lançados pela IURD, os quais têm como principal objetivo expandir o neopentecostalismo. As ações sociais da IURD se iniciaram com a criação da Associação Beneficente Cristã (ABC), criada em 18 de agosto de 1994 e replicada em inúmeros países. Tal organização possibilita sistematização e coordenação deste conjunto de práticas solidárias, sendo que cada uma das igrejas tem mantido relativa autonomia para elaborar ações sociais próprias, ficando estas a critério dos bispos/pastores (Scheliga, 2011). O primeiro movimento da IURD foi centralizar as atividades de assistência em uma instituição, a ABC e o segundo movimento foi o de regionalizar a instituição de assistência, procurando implantar em cada município uma sede local (Scheliga, 2011). A entidade ABC carioca funcionava como um modelo às outras ABC's em que realizava diferentes ações em torno de três eixos: cursos, projetos e eventos. (Scheliga, 2011). Para Scheliga, a mudança mais significativa foi a ascensão do projeto “A gente da comunidade”, que é associado ao grupo ABC. Justamente pelo jogo de palavras que sugere que a IURD estaria presente nas comunidades por intermédio de ações assistencialistas. As ABC's foram

desativadas em 2008³. Provavelmente “por acusações de desvio de verba e rearticulação do assistencialismo da IURD, que passou a se concentrar em ações regionalizadas das igrejas e na projeção do Instituto Ressoar, braço social da Rede Record” (Rosas, p. 18, 2016). Atualmente, a IURD conta com 15 programas sociais no Brasil, sendo distribuídos em grupo ou subgrupos. No ano de 2019, a igreja tinha beneficiado 13,2 milhões de pessoas por meio de 296 mil voluntários (Universal, 2020).

Durante o trabalho de campo, realizado entre os anos 2020-2021, tendo como contexto a pandemia, pude perceber como a base dos grupos estudados, quais sejam Evangelização (EVG) , Força Jovem Universal (FJU) e Universal nos Presídios (UNP), organizaram as suas ações a fim de tentar diminuir os impactos da pandemia de Covid-19 neste período. É importante ressaltar que esses grupos já existiam antes da pandemia, sendo que o mais novo é o UNP com 30 anos de criação e o mais velho FJU com 45 de criação e o EVG possui 40 anos de desenvolvimento. A atuação dos grupos não mudou muito durante a pandemia, apenas foram adicionados protocolos de higiene no caso das visitas que são executadas pelos grupos EVG, FJU e UNP.

Os três grupos estudados apresentaram dois tipos de doação: material e imaterial. As doações materiais incluem cestas básicas, kit de higiene e etc. que consiste na entrega do alimento físico para quem se vê privado do acesso a ele. Já a doação imaterial, por sua vez, está localizada no plano espiritual e é calcada no apoio emocional através da evangelização. O apoio psicológico, normalmente é mobilizado a partir de frases religiosas como “Deus pode te ajudar”, “se Deus é com a gente quem será contra nós”, etc. Além disso, é possível notar o sentimento “nós por nós” no meio evangélico. É como se a base da igreja reivindicasse o seu papel de base da sociedade também, então ela executa os seus projetos sociais, pois entende que o Estado não é capaz de ajudá-la, por intermédio de políticas públicas. Dessa forma a igreja vai ocupar o lugar do Estado, pois é ela que oferece a ajuda aos que necessitam. Segundo constatei nas entrevistas realizadas na primeira IC (2020-2021) a ideia de solidariedade nasce da empatia que estes fiéis têm para com os que estão sofrendo, pois eles se veem naquela situação e sentem a necessidade de intervir para diminuir os impactos sociais que foram potencializados na pandemia.

Na conclusão da pesquisa, com base nos dados que coletei argumento que para a base da igreja a teoria da prosperidade parece ter um significado diferente do que aquele que tem para as lideranças da igreja, e que muitas vezes aparece discutida nos trabalhos das Ciências Sociais. Para os fiéis, as mazelas provenientes do capitalismo, como a desigualdade social e a miséria, são manifestações malignas que afetam a vida quem não é convertido ao Deus neopentecostal. Diante disso, a conquista de algo que lhe proporciona melhoras de condições de vida como emprego, casa própria ou alugada, acesso à aposentadoria etc, ou a superação de algum problema como vício, doenças, saída da criminalidade etc., será interpretado pela base da igreja como materialização da manifestação do sagrado e a vitória sobre as ações do diabo que atuava contra a vida dela, antes do processo de conversão.

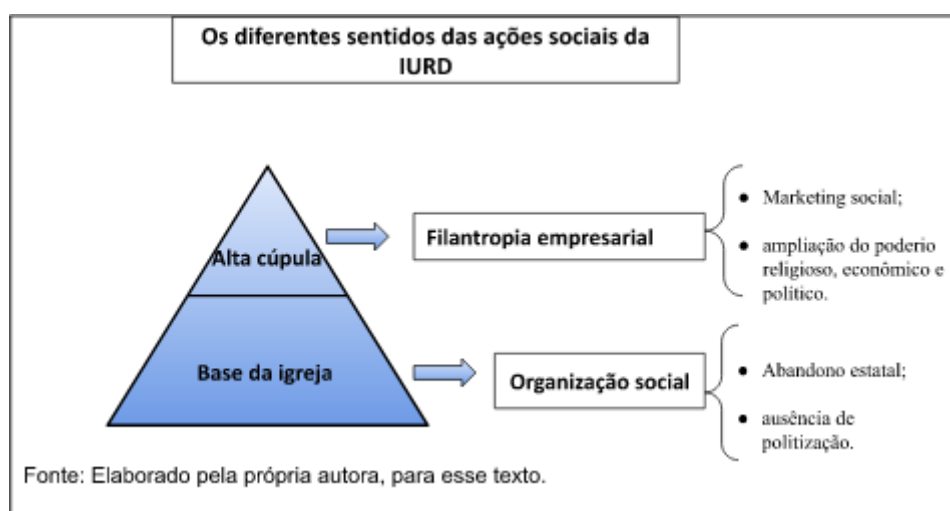
Outro dado que me chamou atenção foi o fato de que quem cria e coordena os grupos sociais são a alta cúpula iurdina. Contudo, quem executa os trabalhos sociais e mantém os grupos financeiramente são os voluntários a partir de doações alimentícias, produtos de higiene, doação de roupas, etc. feitas pela base, empobrecida, das próprias igrejas Ou seja, os dízimos e as ofertas doados pelos membros da igreja, não são utilizados para os projetos sociais, mas se voltam para a manutenção da organização, ou seja, das igrejas-sede. Mas, o processo de logística para a distribuição das doações tanto material, quanto imaterial é organizado pela alta cúpula da IURD que sistematiza os dados das pessoas que solicitaram as ações sociais, para assim identificar quais necessitam mais de amparo e por conta disso devem ser atendidas primeiro. Ou seja, os fiéis mantêm as ações voluntárias, doando seu tempo e o pouco dinheiro que têm, na base da empatia e do “nós por nós”. Mas, é da alta cúpula da

IURD que surge uma espécie de “cadastro único” dos necessitados, definindo para quem deve ser distribuídos os recursos.

As visões antagônicas da alta cúpula e da base da IURD a respeito as ações sociais

As ações sociais assistencialistas da IURD nasce nos anos 90 em um contexto político social em que o empresariado brasileiro se torna figura central na construção do espaço público não estatal no que se refere a ação social, devido à passagem da responsabilidade social da esfera pública para privada e conseqüentemente com encolhimento das garantias e direitos legais (Raicheles, 1998). É baseado nessa conjuntura que o assistencialismo iurdiano surge fundamentado em uma filantropia que tem como marca as noções de solidariedade e a ideia que por meio de mobilizações comunitárias os problemas sociais podem ser resolvidos, por intermédio de ações coletivas e solidárias.

Como ficou evidente para mim ao longo dessa segunda IC, as ações sociais promovidas pela IURD se orientam por sentidos diferentes no que tange a alta cúpula e a base. A elite iurdiana compreende as ações sociais a partir de uma perspectiva semelhante a da *filantropia empresarial*. Diferente do chão da igreja que interpreta ações assistencialistas como uma espécie de *organização social dos pobres voltada para os pobres*, que advém do abandono estatal, ou seja, que busca dar respostas aos problemas causados pela falta de acesso aos direitos básicos de cidadania. A forma que os fiéis encontram para minorar os problemas dos abandonados pelo Estado não é a organização política e popular voltada a cobrar do Estado que cumpra suas funções, mas a construção de redes de solidariedade territorialbaseada na solução das urgências, combinando socorro material e evangelização.



O assistencialismo iurdiano é visto pela alta cúpula como uma filantropia empresarial, (SANTOS, 2022). Isso porque as ações sociais são compreendidas por esse grupo da IURD como forma de angariar mais fiéis, e comitantemente de expandir o poderio religioso, econômico e político, por meio da instrumentalização das ações sociais. Dessa forma, a alta cúpula compreende a sua filantropia como uma espécie de “marketing social”, pois esse elemento vira um “diferencial de competitividade” (SANTOS, 2022, p. 395) na disputa religiosa com outras igrejas evangélicas. Além disso, a cúpula se utiliza da filantropia como mecanismo de difundir a noção de meritocracia e promover a despolitização das camadas mais populares, ao mesmo tempo que difunde, de forma implícita, a ideia da ineficácia do poder público (SANTOS, 2002).

É possível deduzir que a pobreza é entendida pela cúpula como meio de expandir a própria instituição, a partir do momento que essa denominação se orienta por um projeto

político que almeja conservar as “hierarquias desiguais que produzem a descapacitação (*disempowerment*) dos cidadãos (SANTOS, 2002), mesmo estando ciente do quão nefasto é esse projeto político para seus fiéis, que são em grande maioria pessoas oriundas das camadas populares da sociedade (SANTOS, 2002).

Os sentidos que orientam as ações sociais no que se refere à base da igreja estão relacionados com o abandono estatal, que é expresso através da impossibilidade de se ter acesso às condições mínimas de sobrevivência. Dessa maneira os grupos assistencialistas são vistos pelos participantes como *rede uma ajuda mútua*, mas também como uma forma de levar auxílio material e imaterial aos demais. Assim os voluntários iurdianos transitam entre dois papéis: como sujeitos produtores de ações sociais solidárias, mas também receptores dessas mesmas ações. Isso distingue as práticas solidárias realizadas no chão da igreja daquelas tradicionalmente analisadas pela literatura ao falar da filantropia social ou empresarial, onde aquele que doa está numa posição superior àquele que recebe. No caso das ações solidárias desenvolvidas na base da igreja a novidade está nessa posição de simetria, igualdade, entre quem doa e quem recebe. O compartilhamento de vivências similares relacionados com as situações de carências, cria um sentimento de “nós por nós” na base, no qual ela passa a compreender que é necessário elaborar uma rede de ajuda mútua, calcadas em solidariedade religiosa, tendo como finalidade diminuir o impacto do desamparo social. Uso aqui a expressão “nós por nós”, originária dos estudos de cultura periférica, justamente porque parece que, mesmo sendo mobilizado por atores distintos, o que está em jogo é uma mesma forma de solução dos problemas que atingem os pobres, que é buscar na solidariedade das redes territoriais – em um caso, com base nos grupos de hip hop e aqui com base nas redes religiosas – os recursos para solucionar as urgências do cotidiano.

As ações sociais para base não têm o objetivo de gerar a noção de coletividade política, o que auxilia no avanço da despolíticação dos problemas sociais fortalecendo assim o projeto neoliberal. Através dessa concepção é criado um significado de participação social coletiva fundamentado na perspectiva da solidariedade e não do direito, com isso tem-se o apagamento da noção de sujeito de direito, e principalmente da ideia do “direito a ter direito” (DAGNINO, 2004).

Ademais, como dissemos, as ações sociais apenas são projetadas e organizadas pela alta cúpula da IURD, mas é efetuada pelo “chão” da igreja. Contudo é possível perceber que a cúpula se apropria dos resultados da ação social produzidos pela base da igreja, como se fosse de autoria própria. Um exemplo é a matéria⁴, “ Universal distribui 22 mil toneladas de alimentos aos afetados pela crise”, em que coloca esse feito como se fosse realizado pela Instituição, não sendo pontuado nessa notícia que foram os fiéis que são voluntários do grupos assistencialistas que ofertaram. Já que todo orçamento produzido pela igreja através de dízimos, ofertas, vendas de livros, etc não são destinados às ações assistencialistas.

Além da simetria entre quem doa e quem recebe, a filantropia da IURD se distingue do modelo tradicional de filantropia empresarial, por ser ancorado na evangelização. Apesar das diferenças de atuações entre a base e a alta cúpula relacionados com ações assistencialistas, ambos os grupos têm como característica em comum a propagação da evangelização, porém cada segmento tem suas particularidades para propagar a cosmovisão neopentecostal.

A evangelização realizada pela alta cúpula nomeio como *evangelização midiática*, sendo apenas transmitida por meios de comunicação. Já a evangelização realizada pelos voluntários denomino como *evangelização face a face* que consiste em uma evangelização presencial em lugares caracterizados pelo abandono estatal.

Esses dois diferentes modelos de evangelização moldam uma nova concepção cultural e política nos seus beneficiários do que é a pobreza, à medida que essa igreja associa pobreza a uma cosmovisão neopentecostal, o que auxilia na corrosão dos direitos. Desse modo, o

⁴ <https://noticias.r7.com/brasil/universal-distribui-22-mil-toneladas-de-alimentos-a-afetados-pela-crise-29062022>

direito passa a ser visto pelos beneficiários de suas ações sociais como algo pouco significativo, já que a pobreza passa a ser compreendida por eles como uma manifestação maligna, que advém da ausência de conversão (MARIANO, 2003). Essa concepção política legítima a morte da noção de sujeito de direito e fortalece a ascensão da ideia que o cidadão é apenas um receptor de generosidade e caridade. Embora essa despolitização associada as ações assistencialistas não seja nova, a novidade do modelo de ação social solidária da IURD é a sua base moral/valorativa que associa o progresso econômico individual e coletivo à conversão religiosa dos indivíduos. Por conta disso se tem a diminuição da importância do Estado como responsável pelo bem-estar social, pois há interpretação de que o plano espiritual controla a realidade material, dessa forma as mudanças materiais dependem da neutralização das “potestades” que atuam na esfera espiritual.

O Estado neoliberal e suas “potestades”: a expansão (neo)pentecostal e o abandono estatal

De acordo com Sousa Santos (1999), o Estado ao se separar da economia gerou uma subclasse de pessoa marginalizadas confinadas a zona de selvagens, marcado pela construção do apartheid social e presa a um novo estado de natureza (SANTOS, 2022, p. 389). Diante disso, o autor faz uma comparação entre o tipo de humanidade que é produzida no regime neoliberal e totalitarista. Segundo Sousa Santos (1999), ambos os regimes geram o que Hannah Arendt (1989, p. 329) chama de “produção de uma humanidade supérflua” (SANTOS, 2022, p. 389) no que tange aos indivíduos excluídos, pois a comunidade que é marginalizada “perde sua voz e expressão na própria perda da possibilidade de uma comunidade política de participação (...)” (SANTOS, 2022, p. 389). É nesse contexto que, apesar de todas as suas contradições, as relações sociais na base da igreja oferece aos indivíduos que dela participam um lugar social, um processo de humanização a partir de seu lugar como “filho de deus”. É como se pelo viés religioso esses indivíduos saíssem da condição de apátridas, da qual fala Hannah Arendt.

É possível fazer um paralelo entre a perspectiva de Hannah Arendt sobre os regimes totalitários e a política neoliberal brasileira. A autora descrevia em sua obra “Origens do Totalitarismo (1989)” como o surgimento do Estado-nação expõe a fragilidade do caráter universalista dos direitos humanos, já que o reconhecimento da humanidade passa a estar condicionada a obtenção da cidadania. Dessa forma, a ausência dos direitos humanos se manifestava como um empecilho aos apátridas e aos refugiados ao obterem os status de seres humanos, gerando assim diversos crimes contra a humanidade, devido ao problema de organização política em que consiste na produção de vidas descartáveis (ARENDRT, 1989). Diante disso, parto da mesma perspectiva em relação à política neoliberal brasileira, pois essa por sua vez, ao negar os direitos sociais aos mais pobres, priva esse grupo ao acesso aos direitos humanos. Dessa forma, as pessoas que estão em estado de vulnerabilidade se tornam descartáveis devido o desmonte do setor público e pela dificuldade de acessar os direitos.

Baseado nisso, a impossibilidade de poder gozar de direitos intrínsecos para existência humana dentro da sua própria nação, faz com que esses indivíduos vivam em uma condição de sem Estado em seu próprio país. A diminuição do Estado de bem estar social não apenas negou o direito de ser cidadão aos pobres, mas criou pessoas que foram expulsas de sua condição de humanidade. Assim o capitalismo nacional passa a condicionar o reconhecimento da humanidade, de maneira intrínseca, ao acesso aos direitos sociais, que por sua vez o acesso a esses direitos são fundamentais para a construção da cidadania do sujeito social. Desse modo, a dificuldade de acessar os direitos por parte das camadas populares, transformam esses brasileiros em uma espécie de filhos renegados pela própria pátria. Porque o Estado ao não elaborar políticas públicas, ele decide quem é sujeito de direito, consequentemente decide quem deve existir e quais vidas são descartáveis.

O capitalismo brasileiro declarou uma guerra de forma velada aos pobres, tendo como armas principais: o abandono estatal, projeção da imagem de inimigo político do crescimento estatal e a precariedade e vulnerabilidade humanas. A política neoliberal nacional passa agir de maneira similar ao Estado de exceção, no que tange em garantir os direitos sociais dos pobres. Isto porque, ao suspender os direitos sociais sob justificativa que esses eram empecilhos para o crescimento nacional, o neoliberalismo projeta a imagem do inimigo político no pobre brasileiro. Pois esse passa a ser visto como responsável pelos gastos excessivos do poder estatal e a razão pelo atraso nacional.

A legitimação da vida precária por parte da sociedade advém da instrumentalização da meritocracia como mecanismo de naturalização da condição de pobreza, que está diretamente vinculada com a ética da sociedade brasileira, no qual está calcada em valores classistas. Fomentando assim o autoritarismo social em que compreende o indivíduo pobre como um ser incapaz de melhorar as próprias condições de vida, assim esse passa a ser visto como responsável pela sua própria situação de carência. Esta ética gera processo de desumanização dos corpos marcado pela privação de direitos e a humanização dos que se beneficiam pela política neoliberalista.

O abandono estatal produz a morte social que é simbolizada pela marginalização e desumanização, gerando assim a perda da dignidade dos que estão em estado de vulnerabilidade. A morte social é o apagamento dos rostos dos vulneráveis fazendo com que eles não existam nem como seres humanos e como sujeitos de direitos. Consequentemente esses se tornam cidadãos de lugar nenhum, gerando assim o sumiço na esfera pública (BUTLER, 2018). Tem-se assim a reprodução simbólica do rosto inumano, por meio do “apagamento de radical desse grupo e funciona no apagamento radical, de modo que nunca houve um humano, nunca houve uma vida e, portanto, assassinato estatal nunca ocorreu. (BUTLER, 2014, p.128,).

O avanço evangélico, para além do caso da IURD, está diretamente associado às suas ações assistencialistas, que auxiliam no suprimento das necessidades básicas do indivíduo. Mas também está associado com a sua capacidade de formular uma nova ética em relação aos sujeitos vulneráveis, a partir da criação de uma contra história (HARTMAN, 2020) pautada na humanização desses indivíduos. Por meio de difusão de mensagens religiosas que consiste em afirmar que todos são importantes e inesquecíveis para Deus, através da difusão de versículos bíblicos como o Isaías 49:15 Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti. Assim a identidade evangélica representa mais do que uma identidade religiosa, é uma identidade social (ROCHA, 2018) que molda os sujeitos tanto na perspectiva cultural quanto política a partir da difusão de valores morais calcados em uma cosmovisão cristã.

Lembra-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles: A atuação da base IURD na entrada do Complexo Penitenciário do interior do estado de São Paulo.

Para aprofundar a discussão feita acima, trago nesse item alguns registros que obtive no campo exploratório que realizei entre o período de agosto de 2021 a junho de 2022, junto ao grupo *Universal nos Presídios* e sua atuação social na entrada do Complexo Penitenciário do interior do estado de São Paulo⁵.

A ação assistencialista do UNP da região de Campinas se inicia com a criação de uma escala que define os dias em que as sedes da IURD da região devem comparecer ao complexo penitenciário. Nessa escala, cada sede fica responsável por organizar um café da manhã ou da tarde, que é montado a partir das doações da base da igreja, uma vez na semana, em um determinado período pré-estabelecido pelo pastor responsável pelo grupo, sendo que essas ações sociais ocorrem todo sábado e domingo em dois períodos diferentes: manhã e

⁵ Nome fictício para preservar a localidade

tarde. Todavia é sempre incentivado pelas alta cúpula que as sedes não se limitem aos dias que ficaram responsável por realização ação assistencialista, dessa modo podendo comparecer nos dias que não foram determinados. Além dessa escala, a alta cúpula gerava uma outra escala para determinar quais dias deve-se visitar os familiares dos presos que solicitaram a visita do grupo. Normalmente, cada ação social que presenciei tinha em torno de 20 a 27 voluntários pertencentes a 3 sedes diferentes da IURD. Em relação à proporção de gênero tem-se uma razão proporcional entre homens e mulheres, sendo que a maioria são pessoas negras e pardas. As ações sociais ocorrem nos dias de visitas de familiares aos reclusos. As visitas acontecem sábado e domingo, sendo que as ações sociais que ocorrem no sábado normalmente acontecem de 14 às 16 horas, na saída das visitantes, e no domingo entre 6h30 e 8h da manhã, no período de entrada dos visitantes.

A nossa rotina começava quarta-feira com uma mensagem do líder do grupo da sede estudada avisando a todos os membros pelo grupo do WhatsApp que nós deveríamos nos encontrar na sede da IURD às 6h da manhã no domingo, ou no sábado às 13h20 da tarde, cada um portando um prato de doce ou salgado. A orientação de praxe, passada para nós, era que todos tivessem uniformizados com a vestimenta do grupo. Os uniformes femininos eram blusa rosa pink que é mais comprida na parte de trás para cobrir o glúteo e o quadril, além de serem largas para não marcar nenhum tipo de curva. Além disso, usamos uma calça preta, reta mais larguinha escrito UNP, para não marcar nem glúteo e quadril, a blusa sempre tem está por cima da calça. Já o uniforme masculino é uma blusa azul e uma calça preta, nas quais estavam escritas “Universal presídio”. E caso a pessoa não tivesse o uniforme, mulheres deveriam usar uma camiseta rosa pink e calça preta ou jeans. Já os homens deveriam estar vestidos com calça reta preta ou jeans e blusa azul marinho.

O ponto de encontro e partida era porta da igreja, momento no qual os voluntários que têm carro dão carona aos que não tem. O combustível é pago pelo próprio fiel. Ao longo do percurso era comum conversarmos sobre assuntos cotidianos, sendo frequente que os voluntários aproveitassem o momento para compartilharem os problemas que estavam ou tinham vivenciado. O aumento do preço dos alimentos e das despesas básicas de uma casa era sempre uma questão a ser falada, os filhos que foram presos ou passaram por problemas de vícios também era um assunto bastante abordado durante as viagens. Nesse momento era comum saber se algum voluntário estava passando por alguma dificuldade financeira. Durante o período do trabalho de campo, duas voluntárias do grupo passaram por “apertos econômicos” e foram ajudadas pelo grupo, cada um dos voluntários doaram um item de cesta básica e dessa forma foi montada algumas cestas básicas destinados a essas senhoras. Uma dessas mulheres estava também passando por problemas familiares com um dos filhos, esse estava internado em clínica de reabilitação devido ao vício de drogas.

Ao chegarmos ao destino era possível perceber que Complexo penitenciário era situado em área afastada, com pouquíssimo movimento, de difícil acesso devido os pontos de ônibus serem afastados. Em dias de visitas havia alguns comércios ambulantes que vendiam água, suco, café, doces e salgados, etc que ficavam localizados próximos à entrada do presídio. Antigamente o ponto de evangelização da UNP era entre a entrada do Presídio de 1⁶e o Presídio 2⁷, ambos fazem parte do mesmo Complexo Penitenciário. Tal ponto era uma maneira estratégica que a IURD encontrou de abranger os visitantes pertencentes aos dois presídios. Todavia os vendedores ambulantes começaram a reclamar da mesa de café do UNP, porque estava perdendo clientes, então o Complexo autorizou a ação social somente na entrada do Presídio 1. A entrada do Presídio 2 é destinada à ação social da Igreja evangélica Assembléia de Deus (doravante AD), ambas ações sociais são composta por evangelização e mesa de café da manhã.

⁶ Nome fictício para preservar a localidade

⁷ Nome fictício para preservar a localidade

De acordo com um dos voluntários a entrada do Presídio 1 antigamente era disputado pela IURD e pela igreja Testemunhas de Jeová, cada uma das denominações ficava em uma calçada evangelizando os visitantes que passavam por lá. Dessa forma, é possível compreender que o presídio é um local cobijado por diferentes igrejas, sobretudo as pentecostais. As regras passadas para nós voluntários pelos responsáveis do UNP era que não deveríamos segurar bolsas, malas, objetos nenhum independente de qualquer justificativa fosse dada, pois pode ocorrer desses objetos está transportando algum tipo de droga. O pastor sempre contava a história de uma mulher que se aproximou de um evangelista do UNP para pedir para ele cuidar da sua bolsa rapidamente enquanto ela ia em algum lugar, mas já voltava. O que o voluntário não contava era que a bolsa continha drogas e que ele acabaria sendo preso. Para desfazer essa situação foi necessário o pastor responsável pelo trabalho social conversar com o delegado para atestar a inocência do voluntário. Além disso, não é aconselhável carregar bebês de terceiros, porque pode ocorrer de ter drogas na fralda da criança.

Ao nos posicionarmos na porta de entrada dos visitantes que dá acesso ao presídio, montamos a mesa do café para servirmos aos visitantes. Essa mesa é montada através de doações dos voluntários de todas as sedes que ali estão. É levado bolos, caixas de suco, garrafas de refrigerante, café, leite, chocolate quente, pães doces e salgados, pão de queijo, biscoitos doces, etc. Na toalha que cobria a mesa estava escrito UNP. Normalmente ficavam 6 pessoas, sendo 5 mulheres e 1 homem, responsável por servir os visitantes, no geral mulheres, que se dirigiam à mesa. Também eram servidos bolos e café aos agentes penitenciários que ficavam na parte externa do presídio, pois facilitava a permanência do grupo na entrada dos presídios. Apesar do grupo ter autorização para ficar na frente do complexo, havia agentes penitenciários que se incomodavam com a presença dos voluntários. Além disso, 3 voluntários ficavam responsáveis por fotografar a ação social, era proibido tirar foto de criança, da entrada do presídio, pois poderia pegar alguns funcionários que estavam lá dentro e de pessoas que tivessem tatuagens.

A regra era que apenas mulheres deveriam orar por mulheres, e homens oravam por homens, não era permitido orar no sexo oposto. Para essa função eram escolhidas 3 a 1 obreiras para ficar responsável pela oração, 1 a 2 obreiros ficavam responsáveis por realizar a oração em homem. Apenas obreiros podiam orar pelas visitantes. Contudo era normal na ausência de obreiras mulheres, obreiros homens realizarem oração nas visitantes mulheres. Era proibido qualquer tipo de contato físico durante a ação social entre os evangelistas e os visitantes, mesmo no momento da oração, assim as mãos eram suspensas para cima da cabeça para não haver contato físico. No máximo, pode ocorrer um perto de mão. Cada sede possuía dois cadernos: um destinado apenas para anotar os nomes das visitantes e de seus familiares que estão reclusos e um outro caderno para anotar o endereço de pessoas que desejam receber uma visita. Eram escolhidos 2 ou 3 voluntários para distribuir os jornais da igreja, que tinha na última página os horários do culto. Para facilitar a distribuição do jornal um obreiro ficava dentro do primeiro portão do presídio junto com a pessoa que estava anotando os nomes e outro ficava afastada da entrada do primeiro portão.

Os visitantes são majoritariamente mulheres, normalmente são mães, esposas e irmã dos presidiários. Em toda as visitas havia em torno de 100 a 150 mulheres. Havia um número expressivo de mulheres evangélicas. As que relataram pertencer a essa religião, normalmente eram pentecostais ou neopentecostais, sendo que as denominações mais frequentadas eram: Assembleia de Deus, Congregação Cristão no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Universal do Reino de Deus. Nesse tempo em que realizei o campo exploratório, há cerca de um ano vi no máximo 10 homens irem ao presídio para fazer visita, detalhe eram normalmente os mesmo homens, maioria eram brancos. Apenas dois desses homens comentaram serem evangélicos.

O complexo penitenciário do interior do Estado de São Paulo possui um scanner

corporal para identificar entrada de drogas ou algum tipo de metal para dentro do presídio. Além disso, é proibido entrar no prédio com calçados, é permitido somente entrada com chinelo. Por conta da proibição de adentrar o presídio com peças de metal, as roupas necessitam ser apenas de tecido, não podendo nenhum tipo de metal como botão e zíper. De acordo com o ex-visitante, a revistagem ocorre em caso em que o scanner apita, essa pessoa é encaminhada para uma sala com um agente para realizar revista íntima. Aos homens são solicitadas roupas sem metal, normalmente os homens utilizam calça moletom mais uma camiseta. Em dias frios as pessoas utilizam meias e chinelos e no máximo utilizam uma blusa de frio por cima. A recomendação para as mulheres é que usem apenas calça leggings para revistagem, top, porque o sutiã contém peças de metal, além disso é necessário estarem sempre de camiseta largas que cubra a região do glúteo, Essa regra é para evitar olhares maliciosos entre os presidiários, para assim não gerar conflitos dentro do presídio sob alegação que um detento olhou para a mulher que pertence ao grupo familiar de outro colega de detenção

Caso haja olhares por parte do detento para mulheres que foram visitar outro presidiário, ele será punido pelo presídio ficando sem direito a receber visita. Além disso, segundo o ex-visitante, o presidiário também sofreria sanções do PCC, que seria uma facção muito forte nesse Complexo Prisional pertencente ao interior do estado de São Paulo. É importante ressaltar que o PCC *comanda* cerca 90% dos presídios do Estado de São Paulo, essa instituição serve como uma espécie de sindicato do crime, no que tange ao sistema carcerário paulista e atua como uma espécie de agente pacificador das relações entre os presidiários. Proibindo assim agressões físicas e verbais no interior dos presídios, dessa forma tem-se a diminuição da violência entre os reclusos (Biondi, 2008). Os ataques violentos só ocorrem à medida que são julgados e vistos como necessários pelo *torres* (a liderança da facção)(Biondi, 2008). A expansão do PCC gerou diminuição dos crimes tanto dentro quanto fora dos presídios, como apontam as estatísticas do Governo do Estado de São Paulo (Biondi, 2008). Essa diminuição da violência está associada à penetração da ética evangélica no código de conduta do PCC, tal fato se dá através de evangelizações que ocorrem unidades carcerárias e rádios evangélicas que dedicam programas voltados à reclusão(Biondi, 2008).

A IURD tem a rádio “Rede Aleluia – família, força e fé” que tem abrangência a nível nacional dedica uma programação especialmente para os reclusos denominada “Momento do Presidiário”, realizada pelo pastor Clodoaldo Rocha que é o responsável pelo grupo UNP. Essa programação tem como objetivo levar a “Palavra de Deus para os encarcerados” e auxiliar as “famílias entrarem em contato com seus entes queridos e amigos que estão internos através da rádio” (Rede Aleluia). Esse contato ocorre por meio de leitura de mensagens escritas pelos familiares que são deixadas nos comentários da última postagem da página do instagram do grupo (**@unpbrasiloficial**), exibição de áudio enviadas pelos entes queridos do detento por meio do Whatsapp da rádio ou podendo dedicar sua mensagem ao vivo por meio do telefone da rádio. A transmissão do programa ocorre de segunda a sexta às 21 horas. As mensagens normalmente são enviadas por esposas, filhos e mães que declararam seu carinho e saudades do interno. A grande maioria dos recados são realizados por mulheres para homens, pouquíssimos são mensagens dedicadas às mulheres que estão reclusas, quando elas recebem recados normalmente são de suas mães. Dessa maneira, as mulheres detentas sofrem com o abandono estatal e familiar por parte dos seus parceiros, como outros estudos têm demonstrado.

Através dessa evangelização são moldados a moralidades dos presidiárias e conseqüentemente dos integrantes da facção paulista, como discutido na pesquisa de Biondi: “Citações bíblicas, referências cristãs, argumentações fundamentadas em ensinamentos religiosos são encontrados difusamente nos enunciados proferidos por prisioneiros nas cadeias comandados pelo PCC”. (Biondi, p. 3, 2008). Além disso, as manifestações pertencentes às religiões afros passam a ser proibidas entre os detentos. Ademais, é incorporado nas leis do

PCC, os 10 mandamentos cristãos, entretanto essas interpretações bíblicas são remodeladas e ganham novas adaptações ou interpretações. O fato dos presidiários a serem punidos quando olham para mulheres que não são suas familiares pelos seus colegas que são integrantes do PCC está associado a uma das regras da facção que faz menção ao “*décimo mandamento – Não cobiçarás a mulher do próximo – diz respeito ao impedimento de olhar a visita ou aos talaricos, homens que assediam a mulher de outro preso.*” (Biondi, p 4, 2008). De acordo com Biondi (2008), estar associado ao PCC significa não ser evangélico, porque a prática da facção seria lida, por ela mesmo como algo pecaminoso. Contudo os integrantes do PCC tem como ideia de pecado a premissa que todo pecado tem o mesmo peso, criando assim uma espécie de mantra de que “*pecado é pecado*” para legitimar a fé e atuação criminosa (Biondi, 2008). Desse modo o homicida passa ser visto de igual maneira ao adúltero, pois de acordo com essa perspectiva ambos estão no erro. É importante ressaltar que a ética elaborada pelo PCC atinge não só seus integrantes, mas todos os reclusos que cumprem pena em seus territórios.

A conversão à religião evangélica se torna uma das poucas formas de se ter a possibilidade de sair da facção PCC sem sofrer penalidades:

“[...] a religião como sendo uma porta de saída ‘do crime’, na trajetória bastante difundida na vida do criminoso que se torna crente. Mais que um processo de modificação de seus valores e condutas, a conversão religiosa marca uma profunda mudança da identidade pública do sujeito [...]” (ROCHA, p.449, 2017).

Todavia para deixar o crime organizado é necessário passar pelo processo de reconhecimento dos membros de sua facção e das facções rivais, essa transição é precisa ser feita em um contexto que possibilite a reintegração do indivíduo na sociedade, para que o ex-integrante não precise voltar para a criminalidade (Spyer, 2020). É diante desse contexto que a IURD e as demais igrejas evangélicas se tornam importantes, porque elas se configuram como um Estado bem estar informal à medida que estas se utilizam de suas ações como instrumento para promover a reintegração dos ex- presidiários e ex-integrantes do crime organizado na sociedade.

É devido a esse fato que surge a necessidade de observar a conduta do ex-integrante da facção paulista para compreender se de fato houve conversão ou se a pessoa apenas arrumou uma “desculpa” para sair do PCC a quem ela comprometeu. Baseado nessas ideias o PCC irá criar a regra baseada no terceiro mandamento bíblico - “*Não usarás o nome do Senhor em vão- [significa] não usar a bíblia como escudo, ou se esconder atrás da Bíblia (Deus está comigo, eu não preciso virar crente...).* Pois cada preso deve ter ciência do seu proceder”(BIONDI, p.4, 2008). A ideia de proceder se origina dos textos bíblicos que utilizam esse termo para designar as atitudes que cada pessoa deve ter, de acordo com o caminho escolhido por ela. Assim cada qual deve andar conforme o que escolheu, porque “ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro” (Mateus 6:24). Dessa forma, o indivíduo servirá o crime ou as leis de Deus: “Aquele que usa a bandeira da religião deve viver de acordo com seus valores e códigos para ser considerado como certo, como alguém que tem proceder pelo “mundo do crime” (ROCHA, p.358, 2018) A partir disso a facção criminosa elabora o segundo item do estatuto: – “*Lealdade, respeito, e solidariedade acima de tudo ao Partido*”, fazendo referência ao primeiro mandamento bíblico “*Amarás a Deus sobre todas as coisas*”(BIONDI, p.5, 2008). A quebra deste item pelo ex- integrante coloca a vida do mesmo em risco.

Durante o tempo em que realizei trabalho de campo tive acesso apenas a algumas informações a respeito das ações sociais dentro do presídio, justamente por ser um local no qual não tenho acesso, dada a necessidade de prévia autorização da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo e do Conselho de Ética da Unicamp. As informações que me

foram passadas é que toda semana tem ação social no presídio como culto, batismo, atendimento aos presidiários. Também são realizadas doações de livros religiosos e bíblias, cortes de cabelo, palestras, além de diversos cursos de capacitação profissional para os internos. O grupo junto ao qual realizei esse campo exploratório ficou responsável por montar 200 kits de higiene femininos. Os gastos ficaram em média cerca de trezentos e poucos reais e foram divididos entre os integrantes do grupo. Cada sede ficou responsável por montar cerca de 200 a 500 kits.

Alguns desses visitantes repetiam constantemente para nós que seus filhos tinham muita fé. É possível deduzir que eles também estariam passando por um processo de conversão dentro do presídio, por meio das evangelizações realizadas dentro do complexo prisional pelas seguintes instituições religiosas: IURD e AD. De acordo com Smilde, a conversão à religião evangélica está associada à perda da interação com a violência, não sendo considerado uma ameaça, dessa forma a conversão oferta aos indivíduos uma caminho para sair da situação de conflito (Spyer, 2020). O crescimento do pentecostalismo nas cadeias está ligado com a possibilidade de mudança de vida, mas também de identidade devido à adesão de nova moral que lhe impõe como necessário para se conectar com o sagrado a transformação do comportamento como abrindo mão de drogas e bebidas que circulam dentro dos presídios. Além disso, segundo Johnson o avanço desse segmento protestete pode ser explicado como uma possibilidade de adentrar uma comunidade alternativa em meio a uma situação bárbara(Spyer, 2020).

Para Johnson, a expansão do pentecostalismo está associada à ideia que todo indivíduo é merecedor da dignidade, "um sistema de crença e uma série de práticas que permitem que o detento incorpore uma identidade nova e reconhecimento publicamente" (Spyer, p. 157, 2020). Portanto é possível afirmar que a IURD se fortalece nos presídios, pois ela representa a possibilidade de reinserção dos reclusos na sociedade, mas também a mudança de identidade no qual a pessoa de ex-criminoso passa para "homem de Deus". Notei que muitos dos voluntários dos grupos do UNP tiveram familiares presos ou que foram presos e conheceram o grupo no presídio, ademais o que os motivavam a entrar no grupo foi o fato de saberem como sistema carcerário brasileiro é desumano e não é capaz de ressocializar os detentos, devido ser um sistema baseado na desumanização dos presos. Além disso, percebi que os homens, que eram ex-reclusos, normalmente ascendiam socialmente dentro da IURD, tornando-se obreiro ou evangelista de algum grupo, além construir famílias com fiéis da igreja, dessa forma os seus filhos eram criados nesse ambiente religioso.

A IURD e as demais igrejas pentecostais constituem uma espécie cidade-refúgio para os reeducandos, não somente por realizarem práticas assistencialistas, mas também por ser um lugar no qual essas pessoas não são julgadas. Pelo contrário, muitas das vezes elas se tornam exemplos de transformação de vida por meio da atuação divina, dentro da comunidade religiosa. Dessa forma a religião evangélica empoderam as pessoas que foram estigmatizadas socialmente e marginalizadas (Spyer, p. 156, 2020). É diante disso que a IURD junto com as outras igrejas evangélicas aparecem como um Estado de Bem Estar informal, pois elas são capazes de oferecer possibilidade de reinserção social por meio de práticas assistenciais(Spyer, 2020). Baseado nisso, é possível compreender os indivíduos recluso ou ex-recluso que constituem a base da IURD mobilizam a ideia de teologia da prosperidade, quando articula a possibilidade de assumir uma nova identidade pública que lhes proporciona dignidade à medida que esse indivíduo passa ser lido como homem ou mulher de Deus" o que facilita a sua inserção na sociedade. A mudança de identidade proporcionada pela conversão a IURD, é vista pela base da igreja como espécie de ascensão social, por conta disso pode ser interpretada como uma manifestação da teologia da prosperidade. Sendo assim, a prosperidade para o "chão" da igreja se constitui como algo que perpassa o campo material, porém não se limita a ele, isso se torna evidente à medida que a transformação de identidade é celebrada pelos fiéis como manifestação divina e conseqüente vitória sobre os demônios. O

que diverge da compreensão da alta cúpula, pois a elite iurdiana interpreta a teologia da prosperidade a partir da noção de adquirir riquezas, como empresas, imóveis, carros, etc.

Os dias de visitação são quando o familiar pode levar mantimentos alimentícios para o preso. Para isso é necessário estar portando um bolsa quadrada de ombro toda transparente, que são denominada como jumbo,⁸ por ser algo padronizado e por possuir uma espécie de selo/ adesivo na parte de atrás, que acredito que seja doado ou vendido pelo complexo prisional. Na bolsa das visitantes sempre havia de 2 a 3 marmitas de plástico transparente com comida, e alguns jumbos também possuíam garrafas de refrigerantes. Dificilmente eu via os homens portando jumbo.

Além disso, é comum encontrar familiares que estão preocupados com os reclusos que necessitam de alguma assistência médica em decorrência de algum problema de saúde. Porque muitas das vezes o reeducando não recebe o atendimento necessário. Essa negligência se potencializou na pandemia, segundo dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) “Mais de 527 mil presos em todo o mundo foram contaminados pelo vírus da COVID-19 em 47 países. Deste total, 3.800 perderam a vida para a doença.”⁹ É diante desse cenário que a condição vulnerabilidade é potencializada, ao mesmo tempo que torna as ações sociais do UNP necessárias, como forma de amparo emocional aos visitantes.

A violência institucional também é uma prática rotineira na cadeia. A pesquisa realizada pelo sociólogo Flávio Saporì (2022), junto à população carcerária de ambos sexo pertencentes a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APACs) do Estado Minas Gerais, concluiu que 84% reclusos já sofreram algum tipo de agressão física; 53% afirmaram ter sofrido agressões químicas com *spray* de pimenta frequentemente; 20,7% foram vítimas de disparos de balas de borracha; 17,5% foram agredidos com tapas e socos, 16,1% receberam chutes e 7,7% pauladas. Para o desenvolvimento da pesquisa foram entrevistados 1.374 internos e 146 internas (Saporì, 2022).

Nessa mesma direção, pesquisa realizada pela Pastoral Carcerária contabilizou que o estado de São Paulo foi o que mais registrou casos de denúncia de tortura e maus-tratos, com 68 registros, no período de 1º de julho de 2014 a 15 de agosto de 2018, e em segundo lugar ficou o estado de Minas Gerais com 16 denúncias. No total, o Brasil contabilizou 175 casos de denúncia nesse período (CNBB, 2018)¹⁰, sendo que 56% desse total se refere a violências físicas sofridas por parte de funcionários do sistema prisional ou de outros reclusos.

As privações a itens básicos para subsistência humana (kit de higiene, agasalhos, meias, luvas) e os maus tratos potencializam a condição de vulnerabilidade social por parte dos internos, mas também produz um sentimento de desamparo social. É meio a essas circunstâncias que o PCC cresce nos presídios brasileiros, pois esse grupo se organiza antes tudo como uma forma de tentar barrar o abandono estatal e o abuso de poder. A vulnerabilidade produzida pelo abandono estatal conecta integrantes do PCC e os evangélicos e mostra que apesar das diferenças que cada grupo tem, ambos emergem da mesma raiz que é o desamparo social. Além disso, tanto a igreja evangélica, quanto o PCC tem como elemento central a capacidade de elaborar novas identidades coletivas, sendo nomeadas respectivamente como: *evangélico/crente* e *irmão*. Segundo Rocha (2018) e Saporì (2022), ambas as identidades marcam a passagem do sujeito que está em uma condição de apátrida no que refere aos direitos sociais, devido às condições vulnerabilidade no sistema carcerário

⁸ O que é o jumbo? O “jumbo” são os itens que os presos podem receber de seus familiares, como por exemplo alimentos, produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza, roupas e cigarros. (Fonte: <https://www.faliveneadvogados.com.br/jumbo-cadeia-presidio-cdp-presos-o-que-e-o-que-pode-levar-como-entregar-respondendo-as-principais-duvidas/>)

para adesão de uma identidade social que lhe garante existir como indivíduo e lhe proporciona minimamente uma condição de proteção. Tendo em vista que ser evangélico é conseguir, de alguma forma, se afastar das interações violentas que ocorrem dentro do presídio, dependendo da penitenciária que o interno se encontra, a conversão significa poder ir para uma cela na qual a grande maioria partilham da mesma fé, de acordo com um evangelista que teve seu filho preso por quase dois anos. E mais especificamente no caso dos presos que se convertem a IURD, esses podem solicitar assistência material (como doação de alimentação, roupas, etc) para suas familiares e dependendo do caso, para si mesmo, embora essa autorização fica a mercê da penitenciária. Tal fato também ocorre com os indivíduos que se filiam ao PCC, pois essa facção desenvolveu um sistema econômico na qual ela consegue possibilitar assistência à família do preso, através de transferência rendas, como espécie de salários, e consequentemente esse valor repassado auxilia no custeamento das necessidades básicas do interno. Além disso, a filiação a essa facção proporciona que seus adeptos estejam protegidos contra possível violência, embora esse mesmo possa produzir atos infracionais violentos. Dessa maneira ser membro do PCC, significa uma perda indireta com a violência, como é possível deduzir a partir da pesquisa de Flávio Saporì (2022, p. 122): “(...)o que tudo indica, a facção tem uma teia de relações que garante a proteção dos seus faccionados, tanto dentro quanto fora da prisão.” Apesar das diferenças, evangélicos e irmãos possuem semelhanças que advêm do desamparo estatal, em ambos os casos a adesão a essas identidades representam proteção contra violência e auxílio no suprimento das necessidades básicas e práticas assistencialistas para suas famílias.

O poder estatal ao se ausentar no que se refere ao direito dos internos, ele fortaleceu grupos como a igreja evangélica, mas também auxiliou no crescimento poderes paralelos a ele como é o caso do PCC. Baseado nessas informações é possível fazer uma analogia sobre a ascensão desses dois grupos no presídio, o Estado ao ter abandonado os presidiários, fez com que esse contingente pessoas tornasse uma espécie de apátrida dentro do seu próprio país. Todavia o poder estatal ao se fazer ausente ele também entregou na mão desses grupos o poder repatriar essas pessoas, e de fomentar uma identidade coletivas. Assim os repatriados já não são mais vistos como simples presos brasileiros devido peso de suas identidades, no qual faz com que o sistema carcerário tenha que se articular politicamente, tendo que elaborar políticas tanto para legitimar e ampliar o número de igrejas evangélicas nesse sistema com finalidade barrar a violência ou tenha que se mover para tentar frear o crescimento do PCC dentro das penitenciárias brasileiras. Enfim os dois grupos demonstram para o sistema prisional o seu poderio dentro dessa mesma instituição obrigando esta se articule politicamente. Ouso a pensar que ambos grupos se retroalimentam dentro do sistema prisional, pois o Estado ao se ausentar e transferir, parte da sua responsabilidade para as igrejas evangélicas, fazendo com que sua ausência aumente a condição de precariedade já existente no sistema carcerário brasileiro, ele fomenta a criação de evangélicos, mas também de irmãos, criando assim um sistema de alimentação entre as duas intuições em que para se deixar de ser membro do PCC é necessário a conversão para a religião, ao mesmo tempo que a ética pentecostal adentra código de conduta do grupo e faz ampliar a cosmovisão pentecostal.

Era comum alguns visitantes comentarem comigo as dificuldades que estavam passando. De acordo com uma visitante que reside em São Paulo, a caravana de sua cidade até o seu destino final eram 70 reais, para ela esse gasto era exorbitante, porque a mesma possuía 3 filhos pequenos para alimentar, por conta disso ela não conseguia visitar sempre o seu marido. Não era raro encontrar pessoas que necessitavam de doação de alimentos, essas tinham seus nomes e endereços anotados nos livros de visita, que era entregue a alta cúpula, que selecionava qual sede deveria visitar essas famílias e levar ajuda material e imaterial.

Uma senhora que me contou que seus filhos homens estavam dando trabalho, um estava preso e outro vivendo na rua pois estava viciado em drogas. Entretanto a sua filha não

te dava trabalho porque ela era evangélica. Diante disso é possível deduzir que a moralidade evangélica era algo que chamava atenção nas pessoas, e por conta disso o fato do filho que está em situação de vulnerabilidade se converter à religião evangélica era uma possibilidade agradável mesmo para mães que pertenciam a outras religiões. A ideia de que somente Deus é capaz de mudar e transformar a vida das pessoas era muito presente nas falas das visitantes mulheres. Além disso, era possível perceber que a ideia do diabo como agente causador do sofrimento no mundo terreno estava já arraigada na cabeça de algumas mulheres, principalmente as evangélicas, e mais velhas. É interessante perceber como a cosmovisão neopentecostal está na base da sociedade.

Ao final do trabalho social na entrada do Complexo prisional, os voluntários se reuniam em círculo para orar pelos detentos e suas famílias. Os visitantes, principalmente as mães, enxergam a igreja evangélica/fé como uma possibilidade de fortalecimento espiritual e emocional. É esse suporte que chamava a atenção dessas mulheres e motivavam ir na IURD para assistir um culto ou pedir uma visita do pastor em suas casas. Já os iurdianos enxergavam os presidiários como almas que estavam padecendo no mundo, por não terem Deus como o senhor, por conta disso algum espírito maligno estava atuando na vida daquelas pessoas.

Durante esse tempo foram realizadas algumas ações sociais tanto para os familiares quanto para os presidiários. No dia das crianças, as famílias que receberam visitas e possuíam crianças ganharam sacos de doces junto a um brinquedo pequeno de plástico. No natal foram distribuídos *pantones* para os presidiários, funcionários do Complexo Penitenciário e para as famílias que receberam visitas. Para as visitantes, em homenagem ao Dia das Mães, foi feito um cordão humano de oração, uma mesa de café da tarde decorada e farta com pratos doces e salgados, além de uma fila de voluntárias segurando bandejas com alimentos. Também foram entregues pacotes plásticos de presente transparente amarrados com fitas coloridas contendo doces e folheto com uma mensagem de fé e parabenização pelo dia. Nesses dias, foram distribuídos jornais e livros evangélicos que abordavam a respeito de como se ter um casamento feliz. A cada seis meses, o grupo UNP junto com o grupo Arimatheia realiza um café da manhã para os ex-reeducandos que tinham acabado de cumprir pena e também para familiares de reclusos que ainda não tinham sido liberados. Esse evento ocorre em todas as IURD de Campinas. Nessa ação social, foram feitos agendamentos para renovação de documentos, houve distribuição de sacos de doces para crianças, corte de cabelo gratuito, consulta com advogada para retirada de dúvidas sobre questões jurídicas. Os beneficiários dessas ações sociais era a maioria eram homens negros, que tinham cumprindo pena, alguns deles levaram as companheira e filhos para os eventos, outros foram sozinhos.

No período de saidinha para a festa de fim de ano foram distribuídos folhetos aos presos os convidando para o culto de domingo que ocorreria dia 26 de dezembro. No convite recebido estava escrito com grandes letras maiúsculas “Clamor da remissão: na saidinha de final de ano”, logo abaixo com letras menores estava escrito o versículo do livro Lamentações 3:58 “Pleiteaste, Senhor, os pleitos da minha alma, remiste a minha vida.”. Já no topo do convite estava indicado a data do culto “Domingo| dia 26 de dezembro”.

A IURD é uma neopentecostal que historicamente sempre condenou as práticas carismáticas do pentecostalismo clássico como reteté, revelações de futuro e passado, etc. Por conta disso ela acaba tendo dificuldade para angariar fiéis, pois muitos dos evangélicos são adeptos às práticas de entusiasmo cristão, além disso tem-se os escândalos da alta cúpula da IURD que fez com ela ficasse mal vista pela sociedade. Todavia a IURD conseguiu se fixar no ramo evangélico, justamente por conta da prática de libertação espiritual. Por conta disso é muito comum pessoas de outras denominações irem à IURD para participar do culto de libertação sob alegação que tinha alguma atuação maligna em suas vidas devido alguma área de sua vida está passando por problemas.

Durante esse tempo que estive em campo percebi que há uma cobrança muito grande por parte da liderança para levar pessoas para igreja, contudo muitas vezes as metas esperadas

pela cúpula não eram alcançadas, apesar de todos os esforços. Tal fato fazia com que a cúpula se irasse com os resultados obtidos pelos evangelistas, esse descontentamento faz com que ela crie novas alternativas para atrair mais fiéis, como elaborar novos eventos religiosos na porta do presídio. Tal dificuldade atrair fiéis se materializa nos números de membros da IURD, pois de acordo com o Censo de 2010¹¹ ela possuía 1,8 milhão de membros, enquanto a igreja Assembléia de Deus possui 12 milhões fiéis, a diferença desses números está associada ao fato que a IURD é uma igreja que possui sedes sendo todas tem um unico dono, já AD possui ministérios, desta forma um pessoa que se identifica com a história da AD ela pode abrir um ministério e utilizar a nomenclatura da igreja, desde que autorizado pela denominação. Somado a esses fatos, é possível notar que houve um declínio nos número de fiéis da IURD, sendo que segundo o Censo que ocorreu no ano 2000, a IURD possuía 2.101.887 de membros, já no Censo de 2010¹² o número de fiéis tinha diminuído para 1.873.243. Entretanto a denominação AD expandiu o seu número de fiéis, no Censo 2000¹³ o número de membros era 8.418.140, já no Censo 2010¹⁴ a igreja registrou 12.314.410 de fiéis. Provavelmente este declínio no número de fiéis pertencentes a IURD esteja ligado com os escândalos protagonizados por essa denominação. Atualmente a própria igreja estima que tem 7 milhões de fiéis e simpatizantes no Brasil e ao todo 11 milhões no mundo.¹⁵

Apesar dessa discrepância nos números de fiéis entre a IURD e a AD, pude notar durante o tempo que realizei esse trabalho de campo que o poder da IURD não está diretamente associado com a sua capacidade de atrair grande número de fiéis. Contudo é notável que seu elemento principal, que faz com ela se mantenha como a maior neopentecostal e se destacado campo evangélico é o fato de que ela consegue elaborar uma contranarrativa (HARTMAN, 2020) dos que são os problemas sociais, desse modo ela difunde uma nova noção do que são essas questões, se opondo as explicações das Ciências Sociais. A elaboração dessa nova narrativa não produziu um grande salto nos seus números, mas conseguiu propagar pelo Brasil afora, principalmente nas camadas populares, que as mazelas sociais são frutos de atuações malignas e que nada tem a haver com a ausência do poder estatal. Essa contra narrativa possibilita que a cosmovisão neopentecostal chegue até mesmo em membros de outras igrejas evangélicas que condenam essa cosmovisão que se orienta pela guerra contra o diabo e pela teologia da prosperidade, como é o caso das igrejas AD e da CCB.

O espalhamento dessa cosmovisão constitui um poder simbólico para IURD, pois a narrativa propagada por eles “transforma a visão e a ação dos agentes sociais sobre o mundo – e desse modo, o mundo” (ROSA, 2017, p.6). A expansão dessa cosmovisão está diretamente associada às evangelizações *midiáticas* realizadas pela cúpula da IURD, pois a comunicação é um instrumento que auxilia na modelação de concepções sociais e políticas. Desse modo, essa contra narrativa criada pela IURD, auxilia na construção de uma realidade que naturaliza a neoliberalização da política nacional, sobretudo as políticas sociais. Ademais, tal fato, impacta na maneira que os populares compreenderam a importância da política, justamente por moldara noção de relações sociais, legitimando assim a dominação de uma classe sobre a outra, mais especificamente da elite sobre os esquecido pelo Estado, o que conseqüentemente auxilia na naturalização da pobreza. Isso fica evidente no pensamento de Bourdieu (1989, p.11):

Os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que cumprem a sua função política de

¹¹ <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#resultado>

¹² <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#resultado>

¹³ <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#resultado>

¹⁴ <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2094#resultado>

¹⁵

instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam contribuindo assim para a submissão inconsciente dos dominados.

Ativismo evangélico e a vulnerabilidade corporal

O amálgama formada por ações sociais e evangelização constituem o que denomino como “ativismo de base” da IURD, que por sua vez se tornam peças chaves para a elevação do número de políticos pertencentes a essa instituição religiosa. O ativismo executado pela base da IURD se origina a partir da precariedade da vida e da vulnerabilidade corporal. Dessa forma, as necessidades do corpo agem como epicentro da ação coletiva executada pela base, que por sua vez gera ativismo da base. Assim, a inacessibilidade de elementos essenciais para a subsistência humana coloca o corpo como peça chave para o ativismo da base (BUTLER, 2018). O corpo se torna instrumento de articulação política não institucional, já que esse atua como “meio e fim da política” (BUTLER, 2018, p. 88). Ou seja, as ações coletivas efetuadas pela base do UNP são realizadas em nome do corpo, à medida que ela entende que se não prestar auxílio material e imaterial aos reclusos e seus familiares, estes ficarão desamparados pelo poder público, e padecerão devido às suas carências.

A performance política da UNP nas periferias e presídios do interior do estado de São Paulo se potencializa como ato político justamente por ser a união de corpos com vivências semelhantes, ou seja, voluntários em alguma medida são espelho dos beneficiários da ação, seja porque um dia já foram presos e conheceram o UNP ou passaram por alguma dificuldade econômica e necessitaram de ajuda da igreja. Dessa forma, o Grupo se fundamenta em construir sobrevivência em meio a ausência do Estado (BUTLER, 2018, p. 90). É importante ressaltar que a base não é alheia à alta cúpula, pois ambas estão na mesma engrenagem política que reforça o poder da alta cúpula da igreja na política. O eixo de encontro entre essas duas partes da igreja é a moralidade neopentecostal. A moralidade evangélica na IURD passa por um processo político, porque ela sai do campo privado e se torna uma forma de se construir política.

A evangelização face a face se constitui como parte do *ativismo de base*, ao passo que: *a presença* e o *testemunho* se tornam instrumentos políticos. A presença se torna um ato político à medida que a base da igreja se faz presente em locais despidos de qualquer manifestação de direito, isto é onde o abandono estatal impera. A política da presença se potencializa com a política do testemunho, pois esse se torna instrumento de atração de fiéis para igreja, já que por meio desse instrumento, evangelistas contam como suas vidas foram mudadas a partir da conversão para a IURD. Nota-se que não é uma narrativa que relata a mudança de condição econômica, mas sim um relato de como essa pessoa conseguiu sair do presídio, vício, criminalidade, do desemprego, isto é, o indivíduo narra como ele conseguiu ter acesso às oportunidades básicas. Assim, o compartilhamento de histórias de mudança de vida, cria uma espécie de espelho entre o voluntário e o recluso e seus familiares, pois a história anterior a conversão do voluntário passa a simbolizar muitas das vezes o momento presente dos beneficiários da ação. Já o momento atual do voluntário torna-se alvo de desejo por parte da pessoa evangelizada. O ato religioso de testificar faz com que o evangelista se comporte como uma “superfície refletora que permite tanto o reflexo da imagem quanto a presença da cena por detrás da superfície” (Junior, 2010, p. 39). Esse reflexo produz no ouvinte daquela mensagem a percepção de que aquela realidade narrada também pode ser tangível à sua vivência.

Assim, o ato de testificar pode ser definido como um encontro de diferentes sujeitos que se ligam um com o outro por meio da imagem representada no testemunho. O testemunho religioso pode ser descrito como o encontro do “eu” que simboliza o ouvinte do testemunho e do “outro” que representa o interlocutor do testemunho religioso. De acordo com Lacan o eu,

é uma noção imaginária, formulada “à imagem e semelhança do outro (Brauer, 1994, p.313)”. O abandono estatal se torna a linguagem comum entre os voluntários e beneficiários, gerando assim a imagem a partir da semelhança. O ato religioso de testemunho se torna ainda mais poderoso quando se refere aos presidiários, pois o momento cárcere serve como um catalisador do processo de espelho que é construído entre o evangelista e o evangelizado. O reflexo produzido pelo voluntário ultrapassa o limite de representação porque não é mais constituído apenas do “eu”, e do “outro”, agora é formulado a partir : do “eu”, do “outro” e do “mundo exterior ao presídio”. Uma vez que “O pentecostalismo, bem como a religião em si, torna-se instrumento de conexão dos detentos com o mundo social” (Melo, 2007, p. 13). Desse modo, a imagem produzida pelo espelho, representada pelo “outro” não espelha apenas uma pessoa que mudou de vida, mas também reflete a condição de liberdade e de mudança de vida desse indivíduo. Por fim, a articulação do testemunho cria um canal de abertura que facilita a finalização da evangelização, que é o ato da conversão.

Conclusão

Há uma diferença entre os sentidos das ações sociais para alta cúpula e base da IURD, sendo que ações assistencialista são interpretadas pela alta cúpula como uma *filantropia empresarial* servem como instrumento para permear as camadas das mais baixas da sociedade e assim expandir essa instituição religiosa tanto na questão fiéis quanto no que refere ao seu poderio econômico e político. Já a base da igreja compreende ações sociais da IURD como uma *organização social de pobres voltados para pobres*, ou seja uma especie de rede de ajuda mútua, que tem como finalidade diminuir os impactos do abandono estatal. Apesar das diferenças entre cúpula e base, a moralidade constitui como um eixo que conecta ambas as partes.

Através da *evangelização midiática e face a face*, tem-se a disseminação da cosmovisão neopentecostal, que compreende a pobreza e suas mazelas sociais como ações demoníacas. Ambos tipos de evangelizações assumem características políticas, pois legitimam a neoliberalização da economia e comitantemente naturalizam o abandono estatal.

A ausência do estado no que tange às políticas sociais fez com que surgisse uma espécie de cidadão de segunda classe, pois esse era considerado cidadão pelo Estado no que se refere aos seus deveres, mas era tratado como apátrida no que refere aos seus direitos. Consequentemente, esse desamparo por parte do poder estatal fez com que se expandisse as igrejas evangélicas, tanto no que tange ao número de convertidos, quanto no tocante ao poderio político dessas instituições religiosas. Desse modo, a negligência do Estado fez com que as igrejas evangélicas atuassem de maneira similar a ideia de “ cidade - refúgio” para os brasileiros que vivem em uma condição de sem Estado no que tange aos direitos sociais. Assim a conversão pode ser compreendida espécie de processo de “repatriamento dos apátridas nacionais”, pois lhe confere a possibilidade de ser inserido em uma comunidade religiosa que possibilita uma identidade que ultrapassa os limites do campo religioso tornando uma identidade política e social. Além de possibilitar que esse indivíduo participe de uma rede de ajuda mútua, gerando assim sentimento de pertencimento social.

A expansão iurdiana nos presídios brasileiros está diretamente relacionada com a realização de seu trabalho social. Como parte do projeto de crescimento da IURD, a atuação do UNP se subdivide em duas frentes a fim de angariar mais fiéis. A primeira frente é voltada para a conversão dos presos tendo como esse epicentro desse avanço religioso a evangelização associada às práticas assistencialistas. Essas ações incluem a doação de kits de higiene (sabonete, absorvente, álcool em gel, aparelho descartável de barbear, desodorante, escova de dente e creme dental), de livros religiosos e bíblias. Além de realização de cultos religiosos, cursos de capacitação profissional, palestras, cortes de cabelo, etc. A segunda frente é dirigida aos familiares. A esses é servido café da manhã nas portas dos presídios brasileiros, de forma gratuita, além da oferta de amparo emocional através de orações,

ministração de palavras religiosas, realização de visitas em suas casas com finalidade evangelizar e efetuar doações de cestas básicas, kits de higiene, etc. Através dessa evangelização é moldada a moralidade da população presidiária e seus familiares.

A identidade evangélica quando aderida pelo presidiário possibilita que ele seja vista pela sociedade de forma diferente. Pois ele passa a ser lido por ela não mais como ex-criminoso, mas sim como homem de Deus, dessa maneira representa uma transformação de identidade religiosa e social.

A junção entre assistencialismo e evangelização compõe o ativismo de base da IURD, que se orienta a partir da vulnerabilidade corporal que provém do desamparo social. É interessante notar como o corpo é um elemento central para conversão ao pentecostalismo, pois vulnerabilidades corporais que é causada pelas mazelas sociais que advém do capitalismo fomenta a possibilidade do indivíduo se converter, devido ao fato dessas igrejas funcionarem como uma rede de ajuda mútua. Contudo, esse mesmo corpo se constitui como um elo entre o indivíduo e o sagrado a partir do ritual religioso batismo com Espírito Santo, no qual o corpo assume o *status* de morada da divindade cristã, como é possível notar no versículo I Coríntios 3:16–17 “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (...) O templo de Deus, que sois vós, é santo”. Desse modo, o corpo se torna meio e fim para a conversão ao pentecostalismo, mais do que isso que ele se configura como a chave para o crescimento desse movimento religioso.

A falta de elaboração de políticas públicas produziu a expansão de evangélicos e irmãos dentro e fora dos presídios brasileiros. Mais especificamente, o avanço dessas identidades dentro do sistema carcerário está diretamente relacionada com a capacidade desses grupos produzirem uma espécie de sistema de proteção social, paralelo ao que existe no sistema neoliberal brasileiro, por meio de ações assistencialistas na qual funcionam como rede de amparo mútuos. A necessidade de se criar uma espécie de sistema de proteção social por parte das igrejas evangélicas e do PCC, advém do fato de que a proteção social gerenciada pelo sistema capitalista está condicionada ao poder de compra. Desse modo, quem pode custar elementos básicos para a sobrevivência como alimentação, kit de higiene, roupas, moradia etc, tem acesso aos direitos sociais. Contudo, quem não tem condições financeiras para suprir as suas necessidades torna-se invisível para o Estado, diante disso, esse dois grupos auxiliam no garantimento de itens básicos para a vida.

Por fim, as igrejas evangélicas para além do caso da IURD se estabelecem como uma espécie de política de sobrevivência que se articula por intermédio da fé e da ajuda mútua, na qual emerge em um contexto de urgência devido ao abandono estatal. Além disso, a fé se torna um ato político, pois ela não limita a compreensão da realidade pelo que ela está sendo visto, mas sim possibilita a projeção de cosmovisões como uma maneira de criar escapismo social. Tal questão fica evidente nas evangelizações realizadas pela base da igreja e pela alta cúpula da IURD em que articula o versículo 2 Coríntios 5:7 “*Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos*”, como forma de propagar a ideia de resistência por meio da fé, perante aos problemas vivenciado pelos fiéis.

Referência bibliográfica

- ARENDETT, Hannah. O declínio do estado-nação e o fim dos direitos do homem. In: Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BERTANI, Silvia Mara Novaes Sousa. Neopentecostalismo e empreendedorismo: prosperidade e mobilidade social. Uma “nova” classe média? Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.
- BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Civilização Brasileira, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2018.
- BRAUER, Jussara Falek. O outro em Lacan: consequências clínicas. *Psicol. USP* [online]. 1994, vol.5, n.1-2, pp. 309-333.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Eco Pós, Rio de Janeiro, v.23, p. 12-33,2020

JÚNIOR, Jonas de Oliveira Boni. O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. REVER, São Paulo, v.4, 2008.

MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: O protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. Revista Debates do NER, Porto Alegre, ano 4, n. 4, julho de 2004.

MELO, Flávia Valéria C. B.A Experiência MELO, Flávia Valéria C. B.Neopentecostal na Prisão:Uma discussão sobre efervescência religiosa, racionalidade e secularização. Revista Aula N.4 – abril 2007/julho 2007

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião, 2010.

RAICHELIS, Raquel. Esfera pública e Conselhos de assistência social: caminhos da construção democrático. Editora Cortez, São Paulo, 1998.

ROSA, Tiago Barros. O PODER EM BOURDIEU E FOUCAULT: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PODER SIMBÓLICO E O PODER. Rev. Sem Aspas, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

ROSAS, Nina. A Igreja Universal do Reino de Deus: ação social além-fronteiras Ciências Sociais Unisinos, vol. 52, núm. 1, pp. 17-26, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa, organizador, 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SAPORI, Luís Flávio. TRATAMENTO PENITENCIÁRIO UM ESTUDO SOBRE TORTURA, MAUS-TRATOS E ASSISTÊNCIAS ÀS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE.Belo Horizonte, janeiro de 2022

SCHELIGA, Eva. Educando sentidos, orientando uma práxis? Etnografia das práticas assistenciais entre evangélicos brasileiros. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2011.

SPYER, Juliano. O povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam. Geração Editorial; 1ª edição, São Paulo, 2020.